

Roteiro do curso e da pirataria

Na primeira metade do séc XV, o povoamento dos Açores tornou-se essencial para garantir a Portugal a conquista das terras africanas e o caminho marítimo para a Índia. As rotas dos ventos e das correntes, obrigavam os barcos a vir até aos Açores no seu regresso à Europa. Alguns anos mais tarde, também o regresso das Américas obrigaria a parar no arquipélago.

São as mesmas rotas que ainda hoje trazem os veleiros até à marina da Horta!

O Faial, com o ancoradouro mais seguro dos Açores, foi então, nos séc. XV a XVII, um porto de abrigo importante para as naus portuguesas que vinham de África, Índia e Brasil, atraindo fortemente a pirataria e o corso, em busca das riquezas que estas embarcações traziam.

Durante a Ocupação Espanhola ou União Ibérica (1580-1640), em que a coroa portuguesa esteve sob o domínio espanhol, acrescia ainda o interesse por parte dos piratas e corsários nos galeões espanhóis que regressavam da América, a chamada Frota da Prata, e que usavam os Açores como ponto de escala.

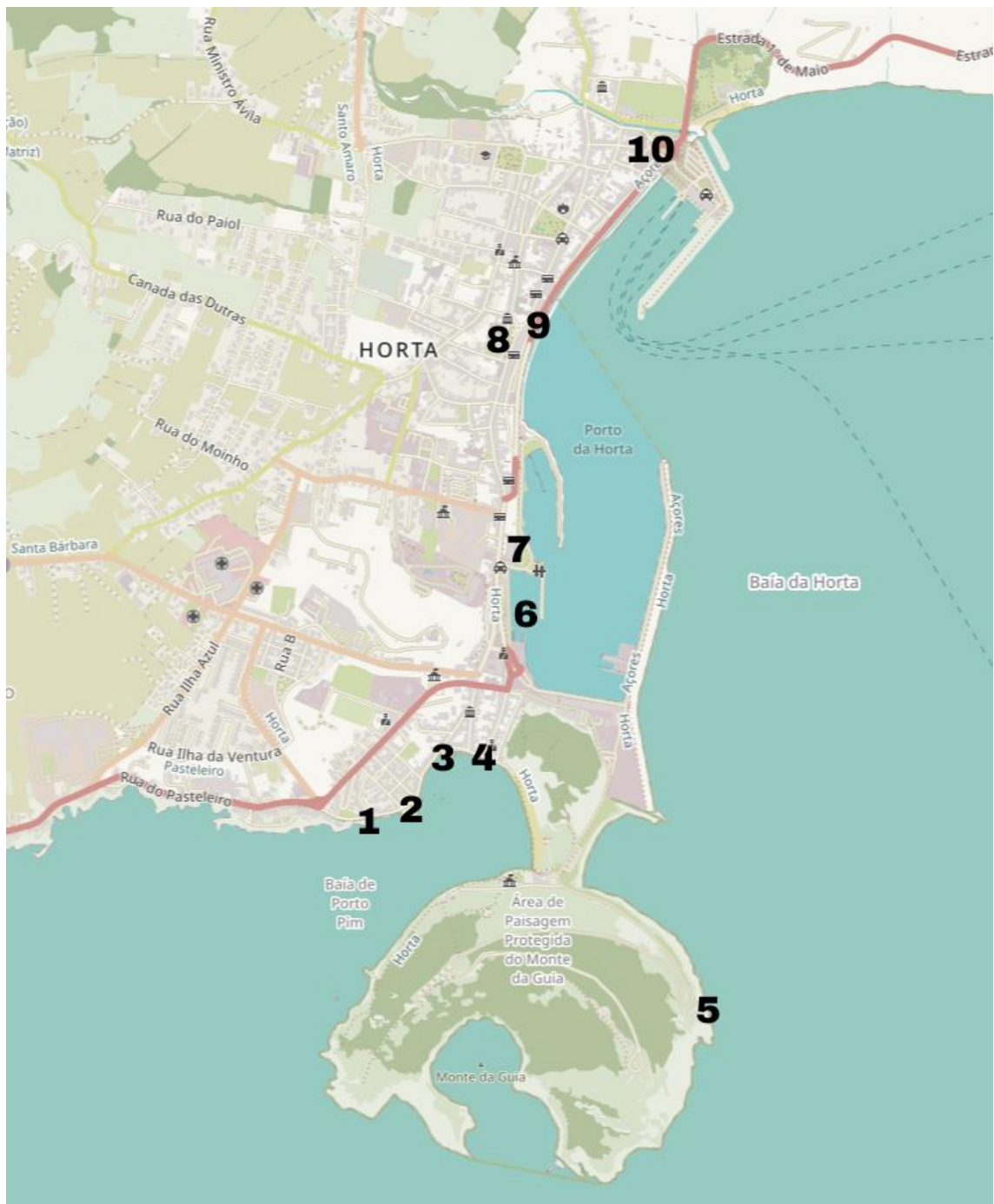
A tomada dos Açores para Inglaterra era um dos objetivos ingleses que Francis Drake não conseguiu concretizar. No entanto, o corso inglês, durante o reinado de Isabel I, foi responsável por importantes ataques em mar e em terra, dando a Inglaterra os recursos financeiros que possibilitaram o seu desenvolvimento. A importância destes ataques pode ser avaliada, por exemplo, pela captura da nau portuguesa Madre de Deus, ao largo das Flores, em 1592, com um tesouro de valor superior a metade da receita anual do reino de Inglaterra.

É no fim do séc. XVI que se inicia a superioridade naval inglesa, abrindo os oceanos à navegação livre, ao corso holandês e francês, inspirando e contribuindo para uma época marcada pela pirataria que infestou os mares sob a bandeira negra Jolly Roger. Piratas magrebinos empreendiam igualmente constantes investidas às ilhas dos Açores, em busca das naus da Carreira da Índia e de cativos cristãos, usados como escravos e moeda de troca.

As fortificações costeiras ainda existentes na Horta fazem parte de um conjunto outrora mais vasto constituído por fortes e muralhas, que serviam de proteção da ilha e da cidade contra essas investidas, à semelhança do que acontecia com outras ilhas, com destaque para a Terceira.

Este roteiro é a história do domínio dos mares, da expansão marítima da Europa, de corsários e piratas!

Venha conhecer como a história de vários países se cruza nesta cidade!



Lugares a visitar

1. Guarita ou Vigia
2. Forte de São Sebastião
3. Portão do Mar
4. Bombardeira
5. Forte da Greta
6. Cais de Santa Cruz
7. Forte de Santa Cruz
8. Museu da Horta
9. Muralha da Horta
10. Forte do Bom Jesus

Fortificações do Porto Pim

O "Projeto da fortificação da Horta", da responsabilidade do capitão espanhol Francisco de La Rua, data do início do período em que a coroa portuguesa esteve sob o domínio espanhol, o que mostra a importância deste ancoradouro do lado sul da Horta. Trata-se de um conjunto defensivo, ligado por uma muralha ao longo de todo o lado norte da baía de Porto Pim.

Deste conjunto, construído ao longo do séc XVII, ainda se podem apreciar os seguintes elementos:

1 - Guarita ou Vigia (no extremo oeste)

Trata-se de uma vigia que cobre uma vista alargada sobre a entrada da baía de Porto Pim, a leste e a sul.

Aqui começava o conjunto fortificado da baía, seguindo-se uma linha de trincheiras até ao Forte de São Sebastião, hoje substituída por um muro com conversadeiras.

2 - Forte de São Sebastião

Tratava-se de um forte militar com função defensiva marítima. Funcionava como um quartel que albergava uma estrutura de comando e tropa, paióis de pólvora e restante material de guerra e logística.

Dispõe de onze canhoneiras, preparadas para tiro rasante aos navios, determinando o seu afundamento durante a entrada destes na baía.

A partir daqui, continuava uma linha de trincheiras até ao Reduto da Patrulha, hoje igualmente substituída por um muro com conversadeiras.

Esta fortificação era conhecida até ao século XIX por "Castelo da Cruz dos Mortos" por ali existir uma cruz que servia de marco aos padres da Matriz que iam buscar os mortos que faleciam para sul daquele local. Recebeu a atual designação em 1819.

3 - Portão do Mar

Este edifício tem uma posição elevada, de onde se pode observar toda a baía de Porto Pim, permitindo a compreensão da importância deste porto alternativo ao cais de Santa Cruz e baía da Horta, até à construção do porto comercial (1876).

O "Portão do Mar do Porto Pim", também é conhecido por "Forte do Porto Pim", é uma reconstrução mais recente de uma estrutura original do séc XVII. Possui um terraço com 8 canhoneiras.

O portão, com rampa de varagem para embarcações, constituía uma zona de entrada na Horta.

Todo o percurso entre a Guarita e o Portão do Mar encontra-se atualmente ligado por um muro que acompanha a estrada e que substitui a antiga linha de trincheiras.

4 - Bombardeira

Tratava-se de uma zona de canhoeriras no saco da baía, para impedir o desembarque.

Atualmente um pouco descaracterizada, esta estrutura de ataque inseria-se na muralha leste.

5 - Forte da Greta

Esta fortificação situa-se no Monte da Guia, o qual era chamado anteriormente de Monte da Greta.

Tem uma posição de controlo sobre a entrada da baía da Horta, cruzando fogo com o forte de Santa Cruz e o forte do Bom Jesus.

O Forte da Greta era seguido por uma muralha, ainda parcialmente existente, até à zona em frente à Fábrica da Baleia.

6 - Cais de Santa Cruz

O Cais de Santa Cruz era o principal local de desembarque na Horta e era protegido por uma muralha a sul, hoje inexistente, e pelo Forte de Santa Cruz logo junto dele, seguido de uma outra muralha que acompanhava toda a frente mar da Horta.

Por aqui se desembarcava em paz e por aqui também se invadia a cidade!

Nas pedras negras deste cais, atracam hoje os pequenos dinghies dos veleiros que ficam fundeados no meio da baía, repetindo um ritual antigo.

7 - Forte de Santa Cruz

Erguido junto ao antigo cais de desembarque, era a principal fortificação da ilha e o centro das operações militares de defesa de costa.

Cruzava a sua linha de fogo com o Forte do Bom Jesus (hoje inexistente), no extremo norte da Horta, e com o Forte da Greta, na encosta do Monte da Guia.

O seu desenho deve-se ao arquiteto militar italiano Tommaso Benedetto, que veio ao arquipélago em 1567, para orientar a sua fortificação.

A capela é do séc. XVII e tem como padroeiro Santo António. No seu interior destaca-se uma valiosa coleção de azulejos.

Teve um papel importante na defesa da baía aquando da ocupação da ilha pelos espanhóis, em 1583, não impedindo, no entanto, que a União Ibérica incluísse as ilhas dos Açores.

Após a derrota da “Armada Invencível”, em 1588, os ingleses passaram a posicionar importantes forças navais nos mares dos Açores, com vista a intercetar as frotas luso-espanholas, carregadas de prata e ouro. A presença desta frota inglesa, composta por navios de guerra e corsários, está na origem de diversas batalhas, das quais a mais famosa é a Batalha das Flores, que ocorreu entre as ilhas das Flores e do Corvo, em 1591.

As investidas corsárias sobre os navios portugueses e espanhóis, que se verificaram nos mares dos Açores, bem como as invasões e saques realizados em terra, asseguraram à Inglaterra de Isabel I acumular uma enorme riqueza e conquistar uma parte dos mares.

O Forte de Santa Cruz, no Faial, foi o palco principal da invasão da Horta quando, em 1589, uma armada inglesa de 13 navios, sob o comando de George Clifford, 3.º conde de Cumberland, após o apresamento de uma nau da Índia e outras sete embarcações no porto, entrou por terra e saqueou a Horta. Esta Viagem aos Açores de 1589 ficou também marcada na história da ciência náutica inglesa, pois os estudos realizados a bordo pelo cartógrafo Edward Wright permitiram-lhe publicar, em 1599, o primeiro mapa-mundo produzido na Inglaterra e o primeiro a usar a projeção de Mercator.

Mais tarde, em 1597, Walter Raleigh, da armada sob o comando de Robert Devereux, 2º conde de Essex, saqueou e incendiou a Horta, destruindo as igrejas e conventos.

Também durante a guerra anglo-americana de 1812 (1812-1815), o Faial foi palco de uma batalha naval importante que ficou conhecida na história dos EUA como a “Batalha do porto da Horta”. Em 1814 o navio corsário americano "General

Armstrong", sob o comando do capitão Samuel Chester Reid, estando fundeado na Horta, foi atacado por uma esquadra britânica, sob o comando de Robert Lloyd. A batalha acabou com o afundamento do brigue americano. Neste combate destacou-se o uso de uma peça de artilharia francesa, com uma longa história, e que se encontrava a bordo do navio americano. O canhão "Long Tom" foi posteriormente resgatado da embarcação naufragada e ficou instalado no forte de Santa Cruz por várias décadas. Foi oferecido por Portugal aos EUA em 1893, encontrando-se presentemente em exposição no Arsenal da Marinha de Guerra, em Washington.

Atualmente, instalada neste forte encontra-se uma das Pousadas de Portugal, sendo possível a sua visita parcial à praça de armas e capela.

8 - Museu da Horta

No museu da Horta encontra informação diversa sobre o porto e a sua importância estratégica.

9 - Muralha da Horta

Tratava-se de uma muralha de proteção que se desenvolvia desde o canto da baía até ao Forte de Santa Cruz e deste ao Forte do Bom Jesus, no extremo norte da Horta. Foi construída ao longo dos séculos, sofrendo repetidas destruições causadas por temporais e fogo de navios.

Destruída finalmente entre 1956 e 1965, para dar lugar à atual avenida da frente de mar da cidade, hoje apenas se pode admirar esta construção através dos desenhos da época.

10 - Forte do Bom Jesus

Construído no séc XVII, este forte protegia a Horta da investida de piratas e corsários, cruzando fogo com o Forte da Greta e o Forte de Santa Cruz, ao qual estava ligado por uma muralha que percorria toda a frente mar da Horta.

Em 1858 passou a ser usado como cadeia.

A construção da doca (1876) provocou alterações nas correntes marítimas que originaram a deterioração rápida da base do forte e a degradação das paredes. Subsequentes tempestades causaram a destruição quase completa do edifício.

Atualmente, o forte já não existe. Podemos identificar a sua localização como a zona onde se encontra o Tribunal da Horta e a avenida marginal em frente.